



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DEPARTAMENTO PÓS GRADUAÇÃO
FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

SÉRGIO LOPES PEREIRA

A SALA DE AULA A PARTIR DE UM OLHAR NARRADO DOS PROFESSORES

**CAMPINA GRANDE
2021**

SÉRGIO LOPES PEREIRA

A SALA DE AULA A PARTIR DE UM OLHAR NARRADO DOS PROFESSORES

Trabalho apresentado ao curso de
Especialização em fundamentos da
Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares para obtenção do
título de especialista.

Área de concentração: Educação.

Orientador: Prof^a. Dr. Auricélia Lopes Pereira.

CAMPINA GRANDE
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436s Pereira, Sergio Lopes.

A sala de aula a partir de um olhar narrado dos professores[manuscrito] / Sergio Lopes Pereira. - 2014.

41 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2021.

"Orientação: Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Educação. 2. Ensino aprendizagem. 3. Professor. I. Título

21. ed. CDD 370.1

SÉRGIO LOPES PEREIRA

A SALA DE AULA A PARTIR DE UM OLHAR NARRADO DOS PROFESSORES

Aprovado em 06 / 12 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Auricélia Lopes Pereira

Profª Drª Auricélia Lopes Pereira / UEPB

Orientadora

Eduardo Gomes Onofre

Profº Drº Eduardo Gomes Onofre

Examinador

Cleoneide M. Nascimento

Profª Drª Cleoneide M. Nascimento

Examinador

CAMPINA GRANDE-PB

Dezembro/2014

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pois para mim, sem Ele nada tem sentido.

A minha família pelo apoio e incentivo nas horas necessárias.

Aos meus colegas da especialização e em especial Simone Medeiros e Viviane (Vivi) pela parceria nos trabalhos realizados no decorrer do curso.

A todos os professores, mas em especial a minha professora e orientadora, a professora Dr^a Auricélia Lopes Pereira, pela competência e autoridade em tudo que vem a ministrar, esse reconhecimento não o faço apenas por ser minha orientadora, mas por reconhecer nela o grande poder intelectual que a mesma detém nas suas áreas de atuação.

A coordenação do curso de especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares pelo compromisso no desenrolar do curso.

E em especial aos professores iniciantes e aos que já se afastaram da profissão pela gentileza de contribuir com a pesquisa, pois seus depoimentos foram essenciais para a análise e realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetiva levantar questionamentos sobre a atual relação professor/aluno levando em consideração o depoimento de professores aposentados e iniciantes, na tentativa de entender como se dá essa relação e quais suas consequências antes e hoje.

No decorrer do mesmo, buscamos conduzir o leitor a um breve entendimento do que seja uma educação ideal e desejada por todos os profissionais da área, como também mostrar a dura realidade de uma educação sofrida na pele em função de alunos rebeldes e sem limites e da sua desvalorização.

Com isso, pode-se questionar os professores aposentados e iniciantes, através de um questionário aplicado, a fim de que eles expusessem a sua opinião sobre essa relação professor/aluno e suas consequências para o profissional e o futuro desta profissão.

Palavras Chaves: Educação, Ensino Aprendizagem, Professor.

ABSTRACT

This work purpose to raise questions about the current teacher / student relationship taking into account the testimony of retired teachers and beginners, in an attempt to understand how this relationship occurs and what its consequences were before and today.

In the course of same, we seek to lead the reader to a brief understanding of what an ideal and desired education is for all professionals in the field, besides showing the harsh reality of an education suffered in the skin by rebellious and limitless students and their devaluation.

With this, retired teachers and beginners can be questioned, through an applied questionnaire, so that they could express their opinion about this teacher / student relationship and its consequences for the professional and the future of this profession.

Keywords: Education, Teaching Learning, Teacher

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	CAPITULO I	11
2.1	Paisagens da educação	11
2.2	<i>Educação: uma realidade a ser interrogada</i>	18
3	<i>CAPITULO II: trajetórias de falas: Sonhos do passado/pesadelos do presente</i>	22
4	CONCLUSÃO	39
5	REFERÊNCIAS	41
6	ANEXOS	43

1. INTRODUÇÃO

A educação é um fator importante para tornar uma sociedade desenvolvida consciente, crítica e capaz de transformar uma realidade, pois está na educação a capacidade de transformação e superação do ser humano. Mas algo está interrompendo esse processo que é natural, são os alunos violentos se agredindo e agredindo professores, são escolas com muros que mais parecem presídios e famílias que assumem não saber o que fazer. Diante dessa realidade, se fez necessário esse trabalho que terá como foco principal a relação professor aluno antes e hoje atentando para possíveis causas e consequências de uma relação delicada e limitada. Nossa inquietação diante de uma realidade educacional cada vez mais atravessada por dificuldades nos levou a pensar nossa problemática. Será que o olhar com relação à licenciatura, a desmotivação, o stress, atravessa o lugar do professor do presente e do passado? As dificuldades hoje vividas pelo profissional da educação são as mesmas da década de 80 e da década de 90? A forma como os alunos tratam os professores na atualidade é a mesma de décadas anteriores? O panorama de desrespeito e de violência com relação ao professor é um sintoma do nosso tempo, da nossa cultura ou trata-se de algo mais geral, presente em décadas anteriores?

Essas perguntas são movidas por um entendimento de que não podemos continuar ignorando que existe uma realidade sintomática na sala de aula. E que sintomas são anunciados? Desrespeito, violência, agressividade, falta de limites, sujeitos marcados por um avanço egoico avassalador, onde o seu narcisismo dita as regras e sua vontade assume o leme de suas condutas. Trata-se de pensar a escola a partir de um viés mais subjetivo, de pensar os problemas da escola para além das questões de infra-estrutura e de salário. Há um problema gritante que precisa ser enfrentado: A violência que atravessa a relação professor/aluno. Violência esta que tem levado muitos profissionais da educação a desistirem de sua profissão.

O trabalho foi desenvolvido em três etapas. A primeira foi a revisão bibliográfica, que iniciou-se com estudos dirigidos de textos, tomando como base o que seja uma educação ideal baseada no sonho, na esperança e na ética, comprovada com um exemplo de uma escola em Portugal, a Escola do Porto, experiência vivida por Rubem Alves, e por outro a dura realidade de uma educação sentida na pele por colegas professores pautada no desrespeito e na desvalorização do profissional professor tomando como base FREIRE, 2006, CAMARGO, Edson, TEIXEIRA M. C. S. & PORTO M. R. S, 1995, Ruben Alves, 2012 entre outros.

A segunda etapa foi caracterizada pela elaboração de uma entrevista escrita que se deu pela confecção de um questionário (ver anexo) voltado para os aspectos relacionados à relação professor/ aluno antes e atualmente e as sequelas que essa relação pode trazer aos profissionais professores e a sociedade, fazendo uma correlação com a opinião dos professores aposentados e iniciantes, os quais foram o público alvo dessa pesquisa.

E por fim, a terceira etapa que se refere à aplicação dos questionários aos professores aposentado e iniciantes. Após esta etapa obteve-se os dados da pesquisa e um diagnóstico acerca da relação professor/ aluno e as consequências dessa relação para o profissional professor e para profissão.

Mas o que está levando os jovens e adolescentes a não optarem pelas licenciaturas? Por que muitos dos professores estão querendo desistir dessa profissão? Por que a auto estima do professor está tão abalada? São questões como estas que se faz necessário inserir neste trabalho uma pesquisa envolvendo professores aposentados e iniciantes a respeito das suas inquietações, sonhos e uma visão geral sobre a educação e o futuro dessa profissão.

No que se refere à metodologia utilizamos da pesquisa quantitativa/qualitativa, combinando dados estatísticos trazidos pela pesquisa e elementos qualitativos que se expressaram a partir das falas postas nas respostas dos professores.

O trabalho está dividido em dois capítulos. O primeiro, intitula-se O ideal da Educação e teve como objetivo discutir o próprio conceito de educação. O segundo capítulo, intitulado **Trajetórias de falas: sonhos do passado/pesadelos do presente**, tem como objetivo apresentar os dados decorrentes das entrevistas dos professores. Neste último fez-se necessário a utilização de gráficos para dar uma visibilidade do panorama educacional que se expressa a partir das entrevistas.

2. CAPITULO I: PAISAGENS DA EDUCAÇÃO

2.1 O IDEAL DA EDUCAÇÃO

Pensar em educação nos remete a um longo diálogo, diálogo esse que ao longo da história os educadores de todo o mundo, e assim também do Brasil buscaram respostas para o bom relacionamento professor–aluno e novas metodologias para tentar facilitar o processo de ensino-aprendizagem, visto que, todas as áreas evoluíram visivelmente, mas a educação continua estagnada, caminhando a passos lentos.

Tentando encontrar uma possível “porção mágica” para tentar alcançar uma educação “ideal” na qual o aprendizado flua espontaneamente entre os alunos. Educação em que haja uma relação de respeito entre a comunidade escolar (alunos, professores e família), poderíamos pensar necessariamente em alguns “ingredientes” para montagem dessa porção:

Esperança. Não há educação sem esperança. Essa máxima, freiriana por excelência, nos remete a um entendimento: A educação se sustenta numa narrativa maior do que ela mesma. Ela não pode ser entendida como uma coisa em si, mas como algo que se sustenta numa narrativa que a transcende. Isto porque se a educação não traz consigo uma narrativa simbólica – uma narrativa que lhe dá sentido eficazmente – ela se torna um instrumento útil apenas a um sistema, mas não estrutura uma sociedade melhor, nem uma humanidade mais digna. É a esperança que faz da educação um lugar de transcendência, de superação e de sublimação. Para Freire (2006), a esperança é inerente à própria natureza humana. Seria ela, não só o horizonte, mas o princípio da emancipação humana. Nessa perspectiva o ser humano seria um projeto inacabado, que se coloca numa busca constante no sentido de desvelamento das razões legítimas do seu existir no mundo, e nesse movimento, nessa busca se humaniza, se aperfeiçoa. Para Freire,

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é a negação da esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História (FREIRE, 2006: 72)

A educação sem esperança é um projeto neoliberal que nega o processo de humanização do ser e constrói uma narrativa simbólica (?) pobre em utopia, pobre em sonhos, calcada apenas na meta do mercado de trabalho. Para Freire, o homem só se constitui enquanto ser histórico quando doa sentido ao ser numa matriz de historicidade. Essa perspectiva um tanto quanto sartriana, um tanto quanto fenomenológica-pois não se distancia de Heidegger e Gadamer – contrapõe-se de forma radical à narrativa neoliberal, uma vez que

para esta a estrutura do sujeito e da sociedade está pronta, e a história atual aparece como a única resposta à realidade. Ou seja, é com essa realidade que temos que lidar, é ela a nossa grande resposta. Para Freire, a resposta é o próprio ser no seu aprendizado no/do mundo. Esse percurso que é do ser no mundo e para o mundo permite o salto das estruturas, o salto do próprio ser na busca por outras vias, outros caminhos, outra humanidade. Assim, para ele, o mundo carrega consigo essas infinitas possibilidades de ser e infinitas possibilidades de acontecer. Mas é a esperança que, ao mover o homem, move a potencialidade que há nele e no mundo. Sem esse ingrediente inerente à alma humana, o ser humano não criaria, não mudaria nada, não transformaria o mundo e a si mesmo. Ela, a esperança, seria a própria condição de possibilidade do homem livre, do homem emancipado social, histórico, cultural e porque não dizer do homem emancipado em sua própria esfera psíquica? A esperança teria assim, uma condição ontológica, uma condição que funda e fundamenta o humano, mas ela se faz ser numa prática e não no campo da transcendência. Pois para ele, “não há esperança na pura espera...espera vã” (FREIRE, 1992: 11).

No entanto, em terras pós-modernas e arranhadas de políticas neoliberais e ideologia capitalista, a esperança tornou-se palavra vazia, palavra anacrônica. Diz Freire,

A desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História, de direita ou de esquerda, leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança. E que, na inteligência mecanicista, portanto determinista da História, o futuro é já sabido. A luta por um futuro assim “a priori” conhecido prescinde da esperança. (FREIRE, 2006: 73).

E a esperança torna-se, então, o “inconcebível” do nosso tempo. Aquilo que deixa de ser imprescindível, pois só há esperança onde há certeza de que a raiz pode ser cortada, onde o futuro está em aberto e o presente é condição dessa abertura. No mundo do liberalismo o que impera é o paradigma do inexorável, da realidade fechada, do mundo definitivo, da existência pronta e acabada. Entretanto, na mesma medida, a esperança torna-se aquilo que Blanchot chamou de “ausência mesma”: Essa ausência que não se faz ausente, mas se faz gritante, presente, presença contundente exatamente não por sua falta. O banimento da esperança para terras utópicas não eliminou na sociedade pós-moderna e na cultura individualista e pragmática a falta que esta faz no percurso da humanidade. Sendo inerente ao humano, numa lógica freiriana, o seu banimento gera consequências: a multiplicação das neuroses e o acirramento da angústia no mundo contemporâneo. A ausência da esperança no campo da educação tem retirado do professor sua posição de autoridade, na medida em que o aluno já não o vendo mais como uma figura diferenciada que pode lhe dar por empréstimo um mundo melhor, também não o respeita, tornando-se alvo fácil da violência de jovens não-

neuróticos.¹ Ao mesmo tempo, a própria educação torna-se também alvo fácil de ser questionada: Para que estudar? Sem a esperança que dê suporte a educação, a pergunta fica sem resposta, ou lhe sobra respostas muito pobres: as respostas próprias de uma sociedade neoliberal: Estudar para mudar de vida (econômica), estudar para o mercado de trabalho.

É nessa perspectiva que emergem os chamados paradigmas holonômicos em um contundente contraponto aos paradigmas tanto positivistas quanto marxistas, uma vez que estes não consideram o indivíduo em sua totalidade, tampouco em sua complexidade. Assim, uma educação holonômica parte de uma compreensão do sujeito não só em sua totalidade, mas em sua complexidade e contrariedade. Os paradigmas holonômicos concebem o homem como um ser contraditório por natureza. Nesse sentido, não haveria uma linha reta para pensar o sujeito, tampouco uma linha reta para pensar suas atitudes, seus pensamentos, suas ações. Trata-se de pensar o sujeito no seu todo, no seu real, na sua complexidade, na sua criatividade, nas suas convergências e no seu entorno. Mas não foi esse o pressuposto já da educação antiga?

Os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente. ‘Constituído de modo correto e sem falhas, nas mãos, nos pés e no espírito’ (...). Só a este tipo de educação se pode aplicar com propriedade a palavra formação, tal como a usou Platão pela primeira vez em sentido metafórico, aplicando-a à ação educadora’. (Jaeger, 1986: 09-10 apud SANTOS, s/d. p.2).

Partindo de pensadores como Cornelius Castoriadis, Michel Mafessolli e Gilbert Durand, a educação holonômica entende que o imaginário e a utopia são os elementos fundantes da sociedade. Contrapondo-se à teoria clássica da educação que valoriza as macro estruturas, os sistemas, onde o sujeito termina sendo anulado pelas articulações dos elementos, pela função. Na verdade, o sujeito termina se constituindo apenas como resultado de macrossistemas econômicos, sociais, linguísticas e culturais. Visto como resultado, o sujeito perde sua dimensão de humanidade. Dessa forma, aquilo mesmo que torna o humano humano é exilado do campo da educação: o desejo, a paixão, a capacidade de escuta, o olhar, a fala. Essa dimensão é banalizada em nome de uma lógica que pensa o todo pela parte e ao produzir esse mecanismo de redução, os sujeitos são reificados, tornados coisas, possíveis de serem

¹Não-neurose é um conceito de Marion Minerbo. Trata-se de pensar uma outra subjetividade doentia, marcadamente contemporânea. A não-neurose, diferente da neurose, é uma patologia onde o superego não age, reprimindo as pulsões do sujeito. A sociedade atual, marcada pela queda dos poderes institucionais – família, igreja, Estado -já não disponibiliza de instrumentos suficientes para gerar um superego atuante. A falta da Lei, do Nome do Pai tem gerado indivíduos narcisistas, onde o avanço egóico faz recuar as restrições do superego. O indivíduo passa a ser comandado pelas pulsões, pelo desejo desenfreado. A violência passa a ser banalizada na não-neurose, pois não há um superego para julgá-la, condená-la, reprimi-la. Onde o sujeito não-neurótico impera, impera também o egoísmo, a violência, a pulsão e nesse sentido a não-civilidade.

analisados, previsíveis. Com base nos paradigmas holonômicos, podemos apontar um segundo ingrediente.

Imaginário. Existem tantos mundos quanto podemos imaginar. Eis a máxima do paradigma holonômico. O que estaria no poder não seria outra coisa senão a imaginação. Paulo Freire dialogou com esse paradigma a partir do seu conceito de “curiosidade”. Não há aprendizado sem a curiosidade diante do sentido do outro e diante do que nos aparece como estranho, diferente, não familiar. É o imaginário que também dá suporte ao conceito de “estrutura de acolhida” de Paul Ricoeur, onde o outro passa a fazer parte da gramática do eu, ao valorizar o imaginário, a holonomia pressupõe uma razão aberta, onde função simbólica ganha força em detrimento de uma racionalidade técnica e asséptica.

O paradigma holonômico parte da crítica de Durand à forma como o pensamento ocidental clássico desvalorizou o imaginário:

O pensamento ocidental clássico e especificamente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação “fomentadora de erros e de falsidades. (DURAND, 2002, P.21)

A educação, pautada no pensamento clássico, tende a valorizar exclusiva e excessivamente a razão, através do currículo e a minimizar o poder da imaginação, valorizando pouco a criatividade e a fantasia. Uma educação ideal deve fazer esse retorno necessário ao símbolo, à potência pedagógica do símbolo, pois só a imaginação com sua capacidade de criar símbolos é capaz de dialogar com um conhecimento trans-formador.

Uma educação que recupera a dimensão simbólica deixa de ter caráter meramente reprodutivo, na medida em que permite a criatividade e a inventividade; mais ainda, apoiando-se na concepção de homem complexo e inacabado e da cultura enquanto universo de objetos e práticas transicionais que criam um espaço potencial, pode o processo educacional liberar-se da lógica social da dominação, viabilizando a emergência do complexo, do multiforme, da polifonia, ou seja do lado instituinte do social. (TEIXEIRA & PORTO, 1995,p. 34)

Ética. Desde os antigos sábios gregos que a questão da ética foi posta como elemento essencial para a educação. Mas o que é a ética? É consenso pensar a ética como algo que se diferencia da moral, uma vez que a ética seria uma reflexão crítica da moral, enquanto a moral seria um conjunto de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades. (CAMARGO & FONSECA, S/D, P.2). Nesse sentido, a moral na sociedade está respaldada nas instituições, nas regras que gerem o coletivo e nas leis. Assim também na escola, onde a moral encontra-se inclusive segundo CAMARGO & FONSECA inscrita nos projetos políticos pedagógicos da escola. Segundo os autores a escola ainda é o principal caminho para se discutir questões éticas, pois o ambiente escolar é

atravessado de possibilidades que evidenciam a ética como imprescindível e elemento capaz de permitir um relacionamento mais amistoso entre os sujeitos educacionais. Para os autores, a ética seria, na escola, responsável por conduzir o sujeito à condição de ator social crítico e ao mesmo tempo responsável pelos seus atos, respeitando na mesma medida a liberdade do outro. Trazer o outro à cena é acionar eficazmente o paradigma do diálogo, pressuposto da ética, assim como a justiça, a solidariedade e o respeito mútuo:

Ser ético pressupõe uma carga de obrigatoriedade e compromisso para com o outro. Com a ética, instala-se no espaço escolar a necessidade de reconhecimento dos sujeitos enquanto atuantes no seu microuniverso, responsáveis pela problematização das ações e dos saberes instituídos. Para os educadores, a ética é vinculada como norteadora do comportamento dos atores, das ações e atitudes que estes praticam no ambiente escolar permitindo assim, o diálogo constante na intencionalidade de melhor resolver os problemas educativos. (CAMARGO & FONSECA, S/D, P.2)

Em toda a filosofia clássica a pergunta sobre como formar os jovens sempre esteve presente como norte, assim como o que lhes deveria ser ensinado para tornarem-sujeitos da virtude, ou seja, sujeitos éticos. Segundo SANTOS (P.02) “Era este ideal de excelência e perfeição que os gregos buscavam através da educação.” Excelência do homem, da cidade e das instituições. Para esta autora a LDB mesmo que resgatando a questão da virtude, esse resgate temático não é suficiente para operacionalizar no sujeito a ética, pois é necessário que a escola seja um espaço ético, operada por meios éticos. O que implica dizer que só teremos uma educação ideal, onde a ética imperar, mas só haverá ética quando esta sair do discurso, constituindo-se na ferramenta maior de uma instituição e das pessoas que dão vida a mesma.

Assim, uma educação ideal se sustenta na esperança, na imaginação e na ética. Esses elementos são imprescindíveis para se pensar a escola como um espaço não de transmissão de conhecimento, mas como um espaço de alegria, de desejo e de crescimento, não apenas técnico-profissional, mas humano. Unindo tudo isso, na medida certa poderíamos atingir o que chamaríamos de ideal da Educação, onde teríamos alunos que respeitassem e valorizassem os professores. Professores que não ensinassem por que foi a única oportunidade que surgiu, mas que conseguissem sentir prazer ao entrar numa sala de aula. Seria ter alunos em sala de aula com o objetivo de crescer intelectualmente e como humanidade e não por que estão presos a um programa de governo.

Uma educação em que a relação professor- aluno se faz de forma respeitosa de ambas as partes possibilitaria um aprendizado de forma prazerosa, em que ambos construíssem o conhecimento juntos, em que a família exercesse um papel participativo no processo de formação do seu filho, e que acima de tudo a escola conseguisse formar cidadão conscientes,

críticos capazes de com suas escolhas tornar a sua vida – e a vida do outro – melhor. Esse é verdadeiro papel da educação, essa seria a escola ideal. Mas será que ela existe?

Existe sim! Com base nessa afirmação, podemos apresentar uma experiência vivida pelo educador Rubens Alves que a convite do Centro de Formação Camilo Castelo Branco visitou uma escola chamada Escola da Ponte que se localiza em Vila das Aves (Concelho de Santo Tirso) em Portugal. O mesmo ao se deparar com aquela realidade só imaginada e nunca vivenciada sentiu uma grande emoção. Ruben Alves parecia se encontrar dentro do seu sonho como educador, e o que mais lhe chamou atenção inicialmente foi a relação entre as pessoas. Veja o seu relato:

O que mais começou fortemente por me impressionar na escola foi a doce e fraternal serenidade dos olhares, dos gestos e das palavras de todos, crianças e adultos ali, ninguém tem necessidade de engrossar ou elevar a voz, de se por em bicos de pés para se fazer ouvir ou reconhecer pelos demais – porque todos sabem que a sua voz conta e é para ser ouvida. (ALVES,2012,p.13)

É notório perceber através da fala do autor o encanto e a fascinação com a forma que as relações entre alunos e professores acontecia. Ali acontecia o diálogo. Onde o que estava posto como elemento principal era o respeito entre ambas as partes e o espaço que é dado a cada um dos que fazem parte daquela instituição. Ali havia uma preocupação na construção de um sujeito ético, um sujeito que se assume com dignidade e que assume o lugar do outro como lugar imprescindível a sua existência.

É notório perceber que entre eles existe cooperação, que está instituída na escola em todos os níveis como se fosse a matriz do seu projeto cultural, e que os sentimentos de ciúme, inveja ou rivalidades, agressividade comportamental quase não há em meio aos membros desta Instituição. Com isso podemos dizer que não há indisciplina, pois todos ajudam todos, todos se conhecem, sabem os nomes uns dos outros e procuram principalmente respeitar a suas identidades. Mais do que resultaria tal atitudes? Vejamos o que diz Rubem Alves:

A serenidade que espreita nos olhares, nos gestos e nas palavras das crianças não é mais do que o resultado esperado e (acrescentaria eu) inevitável do “segredo” da intervenção dos profissionais da educação da Ponte. Um segredo feito, simplesmente, de duas palavras e das correspondentes atitudes –“meiguice” e “paciência”. (ALVES,2012,pg:13)

Mas o encanto, o fascínio do autor em relação à escola é tão grandioso que ele chega a relatar que a escola não é apenas uma escola e sim uma comunidade educativa, totalmente democrática no sentido de que o seu gerenciamento está ou gira em torno de um saber totalmente coletivo, que por sua vez não torna a escola um campo de opressão em que existem normas e estas devem obrigatoriamente serem cumpridas, mas sim, acordos

feitos coletivamente entre todos com o objetivo de dar poderes a todos e que todos têm sua responsabilidade quanto ao bom funcionamento da Instituição.

A relação entre eles é tão forte que os maiores e mais providos intelectualmente e que o autor chama de “mais dotado” se responsabilizam pelo acompanhamento e apoio a aprendizagem dos “menos dotados”. E é assim que a aprendizagem acontece na escola da Ponte, de forma que todos são responsáveis por tudo: Reuniões para decisão dos direitos e deveres de cada um, de suas responsabilidades, do espaço que cada um pode ter, de ser ouvido, de ser enxergado, de perceber que sua opinião tem valor e é importante, tornando assim bem claro para cada um deles são importantes no processo ensino aprendizagem, elevando sua auto estima e principalmente o desejo, o prazer de se sentir educado por essa instituição que preza e valoriza o ser humano como um todo.

Quando as crianças todos os dias vivem o exemplo de Entreatada e de estreita e fraternal colaboração dos seus Professores ... Quando tudo isso e tudo mais (que só visto) Acontece num ambiente amigável e solidário de aprendizagem- A educação na cidadania é o próprio respirar e sentir da Comunidade.(ALVES ,2012, p.17)

Nesta instituição tudo é diferente. Não há sirenes, para marcar o fim de aula e o início de outra, não há provas elaboradas por professores, nada que se compare à logística das escolas comuns. Tudo ou quase tudo, diz Rubem Alves, parece obedecer a outra lógica, não há aulas, não há turmas, não há fichas ou testes elaborados pelos professores para avaliação dos alunos, nem sequer há manuais escolares. A presença do professor é simplesmente para assessorar o conhecimento, tanto é que eles muitas vezes são confundidos como alunos pelos visitantes, mas essa é a grande lição desta escola, que é a reformulação radical dos papéis dos professores e dos alunos, onde os quais passam a serem membros de uma comunidade educativa.

Mas você deve-se estar perguntando como todo o processo ocorre? Tudo é criado em conjunto os conteúdos escolhidos, o horário de visita a biblioteca, os planejamentos é feito quinzenalmente para elaboração dos planos de trabalho, tudo é trabalhado em forma de projetos e depois são elaborados os relatórios para discutir o seu avanço ou sobre a necessidade de ajuda, onde os mais desenvolvidos já sabem dessa responsabilidade (solidária) em ajudar, ou seja, todos são colaboradores do processo de ensino-aprendizagem. Parece mágico, mas não é, é a realidade de quem ousou sonhar e colocar em prática seu sonho, sem utopias e enrolação, mas com capacidade e inovação. Veja como Ruben Alves interpreta tal atitude desta escola:

Percebe-se que naquela escola o currículo não é o professor, Mas o aluno. A educação naquela escola, mais do que um

caminho é um percurso – e um percurso feito à medida de cada educando e, solidariamente, partilhado por todos. O resto São estratégias, são instrumentos, são meios – são truques e Rotinas processuais. (.(ALVES, 2012,p.17)

A escola aponta o currículo não mais voltado para o professor e sim, como uma referência do percurso de aprendizagem e de desenvolvimento do aluno e referência permanentemente apropriada pelo aluno, tornando o aluno um verdadeiro sujeito do currículo e não mais um mero destinatário do currículo.

Na verdade, toda essa mudança causar alegria ou espanto a alguns visitantes, pois nem todos estão abertos a entenderem uma mudança que causa uma reviravolta nas suas práticas enraizadas e petrificadas.

O modelo de escola tradicional pesa-lhes tanto no olhar, na memória e na experiência que já nem são capazes, se quer, De ver e reconhecer a novidade no que existe, quanto mais de sonhar e desejar o que não existe.(ALVES, 2012, p.20)

E assim a escola da Ponte é referência em se tratando de renovação, de quebra de velhos paradigmas, de renovação de sonhos para aqueles que ainda veem na educação o caminho para o desenvolvimento de uma nação. A esperança para aqueles profissionais que sonham serem respeitados e que gostariam de ver a sua profissão despertar encantos e vontades de serem seguidos.

2.2 EDUCAÇÃO: UMA REALIDADE A SER INTERROGADA

No início deste século, H. G. Wells dizia que “a História da Humanidade é cada vez mais a disputa de uma corrida entre a educação e a catástrofe”. A julgar pelas duas grandes guerras que marcaram a “História da Humanidade”, na primeira metade do século XX, a catástrofe venceu. (GADOTTI, 2000, p.2)

Mas essa realidade mágica e cheia de encantos é contrastada por uma outra realidade totalmente diferente da que foi apresentada anteriormente, uma realidade marcada pela violência e desrespeito para com os professores, diretores e toda comunidade escolar, levando a maioria das escolas muitas vezes assumir uma aparência de presidio, com altos muros, cercas elétricas e sistema de monitoramento(câmeras). Para começar a discutir um pouco sobre o tema, vejamos essa cena veiculada pela mídia, ela representa uma realidade bruta de desrespeito e desvalorização a nossa classe; cena essa que se repete por todos os dias nas salas de aulas do nosso país.

Professora é esfaqueada por adolescente em sala de aula



Fonte:<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/09/>

“Uma professora foi esfaqueada na sala de aula de um colégio estadual de Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba, nesta quinta-feira (4), de acordo com a Polícia Militar (PM). Após a agressão, o aluno – que é um adolescente de 15 anos – fugiu pulando os muros das casas vizinhas à escola, segundo a polícia. Entretanto, ele foi apreendido cerca de duas horas depois, conforme informou o tenente David Parisi do Amaral, da PM. O garoto foi encaminhado para a delegacia do município. A professora que, de acordo com a polícia, teve 16 perfurações, foi socorrida de helicóptero e levada para um hospital em Campina Grande do Sul, também na Região Metropolitana da capital paranaense. Ela não corre risco de morrer, segundo o hospital.

Ela estava lecionando quando o adolescente deu a primeira facada nas costas, que foi a mais profunda. A sala de aula estava cheia de alunos”, afirmou o tenente ao G1. Conforme a Polícia Militar, um dos motivos da agressão pode ser o fato de os pais do adolescente terem sido convocados para uma reunião no colégio na quarta-feira (3). Na ocasião, a professora relatou aos pais os comportamentos indisciplinados do aluno, de acordo com o tenente David Parisi do Amaral.

O hospital informou que a professora, de 37 anos, levou facadas nos braços, nas mãos e nas costas. Ainda segundo o hospital, as facadas nos braços e nas mãos foram superficiais, já a facada nas costas atingiu o pulmão. Contudo, o estado de saúde dela é estável, de acordo com o hospital. Ela está consciente e segue internada em um quarto do hospital, sem previsão de alta”.

Essa realidade vem causando um transtorno a todos os profissionais da educação que a cada dia se sentem desrespeitados e desprotegidos na relação professor-aluno. Mas como entender essas mudanças comportamentais nas crianças e adolescentes de hoje? Para tentarmos responder a esse questionamento, temos que entender o porquê da violência.

A violência faz parte de uma crise de valores que vem aumentando nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, e esse acentuado crescimento vem despertando uma atenção maior na área da psicologia, principalmente no que se trata da moralidade das crianças e adolescentes, desdobrando-se em ações práticas que promovam a formação do sujeito com maior senso ético. Todos esses questionamentos de valores são inseridos ao sujeito na quebra dos paradigmas culturais, científicos e políticos, uma vez que as relações sociais sofrem mudanças em função do processo de globalização, levando ao rompimento das fronteiras culturais, religiosas e é claro, sociais, fazendo com que as relações humanas deixem de ter parâmetros precisos fazendo com que as incertezas levem a ações impensadas conduzidas pelo momento, pela impulsividade, pela ação imediata. A individualidade do sujeito como espaço privado é extrapolada, orientando as relações com os demais e com isso, a prevalência de incertezas invade as relações humanas, como coloca La Taille:

Alguns diagnosticam de forma pessimista uma situação de anomia que se traduz pela inexistência de regras ou presença de regras contraditórias para um mesmo tema. Falta de disciplina dos jovens, falta de limites das crianças, abandono dos valores cívicos, e assim por diante. (LATAILLE,1998, p.8)

Começa-se a sentir falta de espaços que desenvolva nessas crianças ou adolescentes a produção de valores, normas e conhecimentos que é construído muitas vezes na família, escolas e grupo de amigos. Mas será que essa construção de valores ainda é construída dessa forma hoje? Segundo Dubet (1992) a socialização de hoje não se realiza mais marcadamente pela mediação das instituições, mas passa pelo processo de construção de uma experiência individual determinada socialmente, que afasta os jovens cada vez mais dos valores morais e éticos. Diógenes (1999,p.165) afirma que a crise ética e de valores na sociedade é expressa pela juventude. Veja o que ele ainda afirma a esse respeito:

Em nenhum outro segmento social o vazio referente da autoridade da lei tem efeito tão direto quanto na vivência juvenil. A ausência de valores sociais balizados por uma ideia de consenso, de constituição de referentes capazes de forjar identidades coletivas, parece impulsionar jovens de diferentes cidades do mundo para práticas de violência. (Diógenes, 1999,p.168)

O Brasil vive hoje uma delicada situação em relação à educação. Por um lado é o sistema exigindo números, por outro o aprendizado. Mas como conciliar tais situações? Estamos vivendo hoje a crise do comodismo, do achismo, de atribuímos sempre a responsabilidade ao outro. A família atribui toda e qualquer responsabilidade educacional de seus filhos à escola, onde muitas vezes elas as veem como depósitos de crianças para que elas possam trabalhar ou fazer qualquer tipo de atividade. Temos os casos de crianças e adolescentes que frequentam a escola apenas para não perderem o programa do governo e em

meio a essa realidade está no centro de todos esses problemas o professor, e como lhe dar com essa realidade?

Podemos dizer que vivemos num contexto marcado por uma crise ética e de valores na sociedade que marca também a vida do adolescente no seu processo de socialização. Assim, a violência na escola é um sintoma: Sintoma de uma crise ética e moral, com um social marcado pelo vazio de valores de autoridade. Essa ausência de autoridade traz como consequência a ausência do nome do pai (Lacan), da lei que faz do sujeito um sujeito barrado, castrado em seu gozo, em sua verdade. Toda ausência do nome do pai (da lei) gera, conforme Marion Minerbo, sujeitos não neuróticos: Sujeitos desprovidos de um superego atuante que diz não ao gozo do sujeito, que barra o ID em sua avassaladora vontade de querer.

O sujeito não- neurótico é indiferente ao outro, à sua dor e aos limites sociais. Portanto, a sua pulsação de agressividade é liberada e posta a atuar em situações onde antes imperava a lei.

E se tratando de escola, podemos dizer que a indisciplina é um dos maiores problemas pedagógicos enfrentados pelos professores. Aquino (1996, 9) afirma que: “Há muito os distúrbios disciplinares deixaram de ser esporádicos e particulares no cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais”. No mesmo caminho afirma Parrat-Dayan (2008, p.7) “Os problemas de indisciplina manifestam-se com frequência na escola, sendo um dos maiores obstáculos pedagógicos do nosso tempo.” E essa realidade é vivida tanto nas escolas públicas como nas privadas gerando nos professores uma grande preocupação e até mesmo indignação, pois atrapalha a logística do trabalho pedagógico desenvolvido na sala de aula. Os prejuízos causados por tal comportamento ficam por conta do barulho excessivo, a não realização das tarefas propostas, a falta de obediência, além da queixa de que a indisciplina cria um clima de “anarquia geral” que parece contaminar as demais crianças e adolescentes. Sendo assim, a relação professor-aluno torna-se cada vez mais difícil, pois bater de frente a essa realidade é correr o risco de despertar muitas vezes a ira do jovem aluno não-neurótico sobre o professor, cujos resultados não são muito agradáveis: Transporte riscado, ameaça a família e até mesmo atentado de morte como foi o caso da professora do início deste capítulo. O resultado de tudo isso é a presença multiplicada de analfabetos funcionais (pois muitas vezes o professor “aprova” para se livrar de determinadas situações), profissionais altamente depressivos e desistência da carreira.

3.CAPITULO II: TRAJETÓRIAS DE FALAS: SONHOS DO PASSADO/PESADELOS DO PRESENTE

A educação é um dos principais fatores que possibilita o desenvolvimento de uma Nação e deve ser prioridade para qualquer gestor que queira verdadeiramente ver seu município, seu Estado e principalmente o nosso país se desenvolver. Sabemos que o Brasil precisa avançar nessa questão e, a passos lentos, percebe-se um avanço significativo no que diz respeito à compra de merendas, de livros didáticos, de transportes para conduzir alunos e até mesmo nos salários dos professores com a implantação do piso nacional. Mas mesmo assim ainda não está surtindo o efeito necessário para que possamos ter uma educação de qualidade.

Baseado nessa preocupação, tentou-se buscar possíveis respostas através de entrevistas feitas a professores iniciantes e aposentados. Chamarei por P₁₁, (professores iniciantes: 1 até 8 total de entrevistados) e P_A (professores aposentados de 1 à 7 de entrevistados) conforme mostrará a tabela a seguir. Existem alguns questionamentos que são comuns aos dois. Vejamos a 1ª questão:

1ª) O que levou você a optar por lecionar?

P _{A1}	Desde criança o meu maior sonho era ser professora	P ₁₁	Desde criança sonhava ser professora, mas o que me fez entrar na carreira, foi a necessidade e a oportunidade do primeiro emprego
P _{A2}	Pela paixão pela profissão	P ₁₂	Admiração pela profissão
P _{A3}	Interesse de repassar meus conhecimentos	P ₁₃	Por que eu gosto de ensinar
P _{A4}	Nasci com esse dom e não tive outra opção	P ₁₄	Falta de opção de outros ramos de trabalho
P _{A5}	Por ter grande admiração pela educação	P ₁₅	O desemprego
P _{A6}	Por que eu admirava muito essa profissão	P ₁₆	Uma opção de trabalho na cidade de origem
P _{A7}	Por que desde aluna eu já me sentia uma professora	P ₁₇	Uma oportunidade de emprego que surgiu
		P ₁₈	Falta de oportunidade, não consegui fazer o curso que desejava, e é a área mais próxima que eu me identifico

Como podemos observar 100% dos professores aposentados (PA) colocaram que sua escolha foi baseada no sonho, na admiração e na paixão pela profissão, tornando assim os obstáculos vividos por essa profissão algo superável. Os depoimentos deixam bem claro o encanto, o respeito e o fascínio que essa profissão despertava nos jovens da época. Algo que

não é percebido pelos professores iniciantes, pois como podemos ver em suas respostas (maioria 62,5%) alegaram a necessidade, a falta de oportunidade, o desemprego, uma oportunidade de emprego e o mais forte, veja o que o professor P₁₈ diz: “Não consegui fazer o curso que desejava e é a área mais próxima que eu me identifico”. Com base nessas respostas, podemos fazer alguns questionamentos. Como ser um bom profissional nessas condições de escolha? Será que há prazer em lecionar por lecionar? Os obstáculos vivenciados por essa profissão tornam-se cada vez maiores e mais difíceis de serem vencidos nessas condições de escolhas, transformando a profissão da licenciatura em um simples cargo que serve apenas como meio de sobrevivência, tirando todo encanto e magia que há nessa profissão. Embora a escolha profissional, constitua objeto dessa investigação, a discussão sobre as razões que levam os professores entrevistados à docência tem importância diante da reflexão sobre a constituição da identidade profissional. Trabalhando com dois grupos de professoras do ensino fundamental – as que queriam e as que não queriam ser professoras - Marin (2003) identificou um conjunto de razões, apontadas por tais professoras, que podem coincidir com muitos dos relatos obtidos na pesquisa. Dentre as professoras que ingressaram na carreira sem o desejar, os motivos apontados para tal ingresso foram:

A família não possuía condições financeiras para custear os estudos de interesse, quer na cidade, quer fora da cidade onde moravam; curso de magistério disponível na cidade; vivência com pessoa da profissão, na família; necessidade de começar a ajudar a manter a família; estudar para poder sobreviver a partir de experiência anterior como professor leigo; „aconteceu“ pela criação do curso na escola onde já estudava; casamento. (Marin : 2003, p.59)

Apenas 37,5% dos professores indicaram que sua decisão foi tomada baseada em sonho, admiração e por gostar de lecionar. Em relação a esses professores que declaram ter ingressado na carreira docente por razões diversas, mas com a intenção de exercê-la, Marin detectou os seguintes motivos que podem ser os dos professores da pesquisa:

Gostar de crianças, de estar com elas, de cuidar delas; gostar e querer trabalhar com pessoas carentes; „sempre quis“, simplesmente, ou até mesmo sem saber por que queria, transmitir conhecimentos, de conseguir fazer com que a criança tenha uma visão diferente das coisas; achava legal o professor estar ali ensinando os alunos; não sabia como, mas sabia que ia ensinar. (Marin : 2003, p.64)

Segundo Marin (2003), é importante compreender essa multiplicidade de motivos para o ingresso na profissão, pois a produção de significados para os sujeitos e a produção de identidades estão estreitamente vinculadas.

Com relação a nossa pesquisa, após terem colocados os motivos que o(a)s levaram a optar por serem professores, foi colocado o seguinte questionamento.

2ª) Na sua opinião, o que o (a) imped(ia)e de desenvolver um bom trabalho em sala de aula?

P _{A1}	Falta de material didático e o acompanhamento dos coordenadores	P ₁₁	O que me impede de desenvolver um bom trabalho são: O tempo para planejar aulas e a falta de interesse
-----------------	---	-----------------	--

			por parte dos alunos.
P _{A2}	Era encontrar livros para pesquisar alguns trabalhos, tirar dúvidas para se fazer um bom trabalho	P ₁₂	Impedimento não existe uma vez que ela esteja preparada para mudanças
P _{A3}	Falta de espaço físico, salário baixo, falta de material escolar, falta de orientadores e curso de formação	P ₁₃	Na maioria das vezes é o mau comportamento dos alunos
P _{A4}	A falta de material didático, formação pedagógica para os professores, pouco recurso financeiro	P ₁₄	O descompromisso da maioria do alunado, o não envolvimento da famíliae muitas vezes a falta de recursos técnicos-pedagógicos
P _{A5}	A falta de material pedagógico, como também o conhecimento dos professores	P ₁₅	A timidez
P _{A6}	Falta de material didático e o deslocamento	P ₁₆	O comportamento do alunado
P _{A7}	Falta de subsídios para lecionar, pois era só professor e aluno, não tinha quadro de giz nem prédio, funcionava em casa de família	P ₁₇	Em primeiro lugar as condições de trabalho e em segundo lugar o alunado, pois na maioria das vezes não estão na escola para aprender e sim para passar o tempo
		P ₁₈	A falta de interesse do alunado e falta de compromisso da família

Com base nas respostas obtidas dos professores aposentados, podemos apresentar o seguinte gráfico.

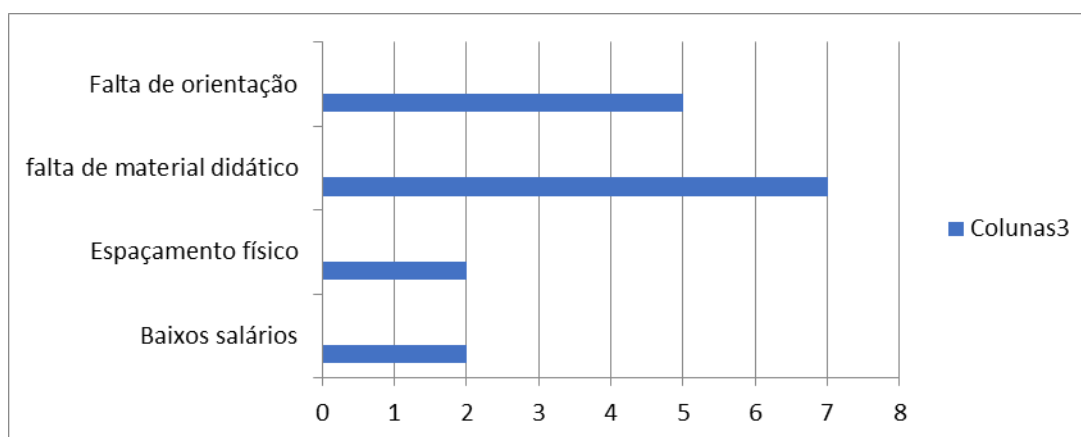


Gráfico 1; dificuldades para desenvolver um bom trabalho (professores aposentados)

Como podemos observar através do gráfico 100% dos professores pesquisados apontaram que a maior dificuldade enfrentada por eles para desenvolver um bom trabalho era a falta de material didático, fonte de pesquisa que, na época, quase não existia. O ensino era pautado basicamente nos conhecimentos básicos que eles haviam aprendido em sala de aula. Além dos sete entrevistados terem apontado o material didático como fator de maior preocupação para desenvolver um bom trabalho, cinco deles que corresponde a 71,4% afirmam que além do fator citado acima, a falta de orientação de acompanhamento pedagógico e de formação para os professores contribuía para aumentar ainda mais as dificuldades relacionadas ao ensino

aprendizagem. Podemos destacar também que 28,6% apontam que além da falta de material didático, a falta de espaçamento físico e o baixo salário também contribuía para que eles não desenvolvessem um bom trabalho. Para que se tenha uma noção dessa dificuldade, observe-se a fala do professor P_{A7} “Falta de subsídios para lecionar, pois era só professor e aluno, não tinha quadro de giz nem prédio, funcionava em casa de família”. Como o ensino aprendizagem acontecia nessas condições? A mágica do amor pela profissão florescia ao ponto de transformar essas dificuldades em sonhos, em realizações em resultados.

O mesmo questionamento foi lançado aos professores iniciantes, veja o gráfico com as respostas:

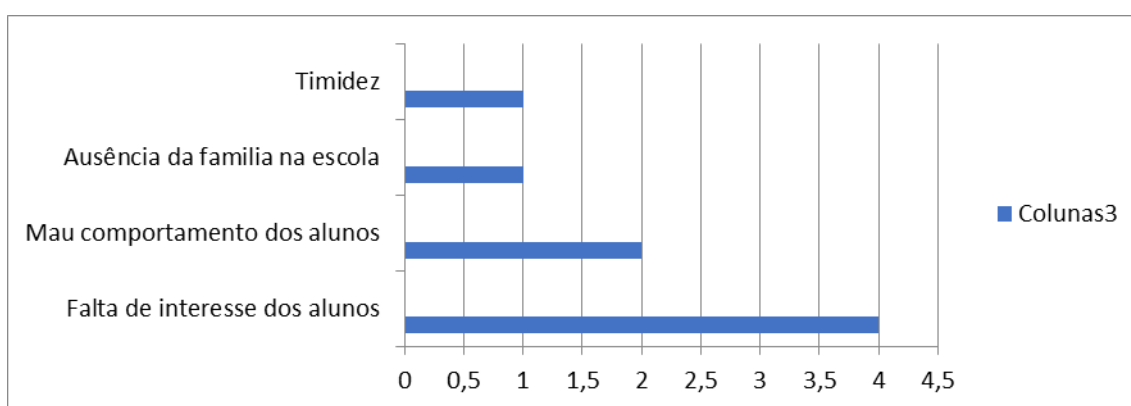


Gráfico 2: Dificuldades para desenvolver um bom trabalho (professores iniciantes)

Como podemos observar 50% dos professores entrevistados apontaram que a maior dificuldade para desenvolver um trabalho está relacionada à falta de interesse por parte do alunado que simplesmente “não estão nem ai para o que os professores estão expondo” e simplesmente optam por “jogar conversa fora”, perturbar em sala de aula, ficar ao celular, fingindo não existir ninguém em sala de aula, causando constrangimento para o professor e para os demais alunos que queiram aprender. Podemos observar também, através do gráfico, que 25% dos professores apontaram o mau comportamento do aluno como fator de empecilho ao bom desenvolvimento das aulas, alunos esses que desrespeitam os professores, colegas de sala de aula e diretores levando muitas vezes os professores a tirá-los de sala de aula e muitas vezes suspensos ou expulsos das Instituições por desobediência e até mesmo agressão aos colegas ou profissionais. Podemos observar também que 12,5% aponta a timidez como fator que atrapalha o desenvolvimento em sala de aula. E que 12,5% aponta a ausência da família na escola como um fator que impede o bom desenvolvimento em sala de aula. Veja o que Paro(1997, p. 30) - pesquisador que realizou um estudo sobre o papel da família no desenvolvimento escolar de alunos - afirmou, “A escola deve utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos problemas e também sobre as questões pedagógicas”. Só assim, a família poderá se sentir

comprometida com a melhoria da qualidade escolar, com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. Veja também o que Paulo Freire afirma sobre essa situação:

A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda se a opção é progressista, senão se está a favor da vida e não da morte, da equidade e não da justiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não se tem outro caminho se não viver a opção que escolher. Encarná-la diminuindo, assim, a distância entre o que se diz e o que se fez. (FREIRE,1999 p,18)

O ideal é que a família e a escola tracem as mesmas metas de forma simultânea propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade. Nessa perspectiva, Vygotskiy afirma:

A educação recebida na escola, e na sociedade de um modo geral cumpre um papel primordial na constituição dos sujeitos, a atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e consequentemente o comportamento da criança na escola (1984 p.87).

A questão 3 trata da relação professor-aluno antes e agora. Vejamos as respostas:

P _{A1}	Relacionava-se muito bem	P _{I1}	Essa relação atualmente tem sofrido profundas mudanças decorrentes acredito com as mudanças das leis, como também na sociedade e consequentemente na família, visto que essa educação interfere diretamente na escola. O professor que a algumas décadas era visto com respeito, hoje sofre com a desvalorização social e que na sua relação com alunos ele é muitas vezes agredido moralmente e até mesmo fisicamente
P _{A2}	Sempre foi boa	P _{I2}	Depende de como se é tratado ambos
P _{A3}	Os alunos tinham respeito e carinho pelos professores	P _{I3}	É uma relação muito complicada, pois os alunos não respeitam os professores
P _{A4}	Respeitosa e prazerosa	P _{I4}	Complicadas, pois eles acham que são os donos da verdade e não respeitam mais os professores
P _{A5}	Ótima	P _{I5}	Bastante complexa, pois há uma falta de respeito muito grande para com o professor
P _{A6}	Relacionava-se bem, apesar de que os alunos temiam essa relação	P _{I6}	“Boa”
P _{A7}	Era uma relação sincera	P _{I7}	Muito complicada, pois não há mais respeito entre alunos e professores
		P _{I8}	O alunado de hoje não respeita mais os professores como antigamente

O gráfico representa a real situação com relação às respostas dos professores aposentados.



Gráfico 3:Relação professor aluno (professores aposentados)

Como podemos observar 42,9% afirmam que a relação era respeitosa e carinhosa e 42,9% também afirmavam que eram boa e 14,2% afirma que essa relação era ótima. Com base nessas afirmações, podemos entender que o processo de ensino aprendizagem se dava de uma forma mais prazerosa, fazendo com que o conhecimento fluísse de forma mais rápida e eficaz, pois o professor não se detinha a pedir silêncio de minuto em minuto, nem tampouco se desgastar, tendo que expulsar alunos da sala de aula ou até mesmo separar brigas de alunos em sala de aula. O tempo era aproveitado de forma mais eficaz no qual o professor mediava suas aulas expondo os conteúdos, tendo a atenção de todos os alunos, possibilitando uma assimilação mais rápida, conseguindo assim, formar cidadão mais preparado para enfrentar os obstáculos da vida.

Como podemos observar através das respostas dadas pelos professores iniciantes, há uma diferença gigantesca no que diz respeito à relação professor aluno hoje, diferentemente dos dados obtidos anteriormente que apresentava como uma relação boa, ótima e prazerosa, 62,5% afirma que é uma relação baseada no desrespeito, na desvalorização profissional e muitas vezes pessoal, quando criticam a nossa escolha por sermos professores. Esse índice reflete uma realidade vivida no nosso país. Para muitos professores, muitas vezes, quando é chegada a hora de ir trabalhar, o que deveria ser um momento de alegria e de prazer, torna-se um momento de angústia, de temor por ter que enfrentar uma realidade que está fugindo ao controle. Como bater de frente a essa realidade? Valerá apenas? Os fatos mostram que não, pois bater de frente significa enfrentar a ira de pessoas podem estar dispostos a qualquer coisa e como resposta os professores podem perder o emprego, seus bens materiais, mas principalmente a vida. Dos entrevistados 12,5% cita que além do desrespeito que todos sofrem, vem a desvalorização social através dos baixos salários e pouco caso da profissão. Vejam o que diz SILVA;

Para os professores a falta de compromisso dos alunos é um problema que encontram no dia-a-dia e não sabem como resolver. Os jovens de hoje, dizem, conquistaram a possibilidade da livre expressão de suas ideias, pensam e falam o

que querem, fazem suas reivindicações o que consideram muito bom - porém, muitas vezes, não o fazem com o devido respeito ao outro, especialmente, a eles, professores. Sentem-se desmotivados e sem saber como trabalhar com os alunos, pois acreditam que há muita proteção para os alunos e poucos recursos para o professor. (SILVA, 2003.)

Apenas 12,5% afirmou que apresentava uma relação boa, mas fez questão de escrever a palavra boa entre aspas, pois, diante da realidade atual, sobreviver dando aulas é um ato heroico e até que algo mais sério aconteça ela vai achar que essa relação é “boa”. 12,5% afirma que dependerá da forma de como ambos se tratam, deixando subtendido que dependerá de como o diálogo entre professor e aluno acontece, de como utilizar a sua metodologia, buscando um canal que leve ao aprendizado sem bater de frente com eles ou até mesmo induzindo-os a buscar esse conhecimento.

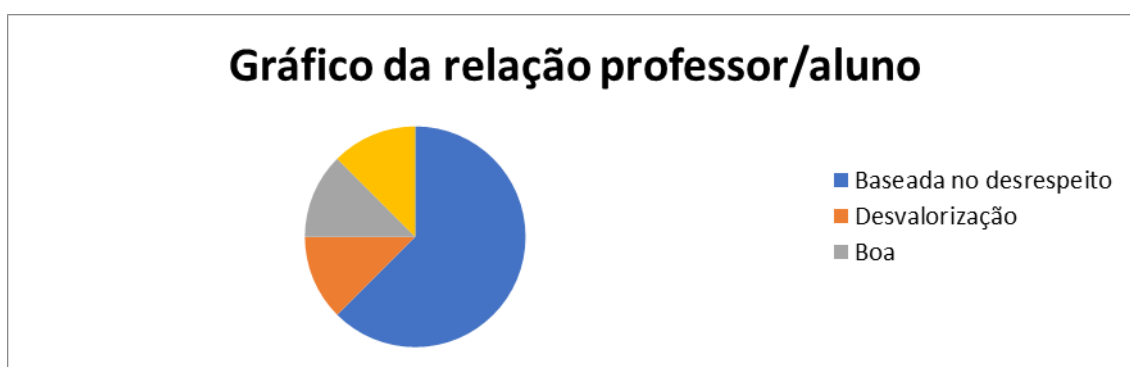


Gráfico 4:Relação professor aluno (professores iniciantes)

Na 4ª questão ambos foram questionados sobre a profissão professor e se a mesma despertava interesse nos alunos antes e agora. Vejam as respostas:

P _{A1}	Sim	P ₁₁	Não, alguns já chegaram a dizer que preferem ser ajudante de pedreiro do que ser professor
P _{A2}	Sim	P ₁₂	Não
P _{A3}	Percebia, pois eles sempre diziam que queriam ser professor	P ₁₃	As vezes, muito raramente
P _{A4}	Sim	P ₁₄	Alguns sim, pois eles perguntam sempre sobre nossa profissão
P _{A5}	Sim	P ₁₅	Uma pequena porcentagem apresenta esse desejo
P _{A6}	Antes despertava	P ₁₆	Não. Pois eles veem que essa profissão não vai lhe dar uma condição de vida boa
P _{A7}	Sim. Muitos comentavam que queriam ser professor	P ₁₇	Não, pois eles almejam profissão onde os salários sejam melhores e com condições melhores de trabalho
		P ₁₈	Em uma minoria

Com base nas respostas apresentadas, observem o gráfico.

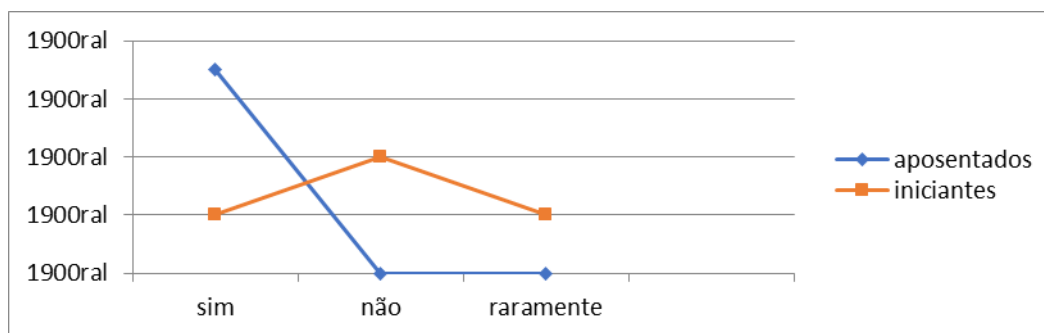


Gráfico 5: Mostrando a observação dos professores iniciante e aposentados quanto ao interesse pela profissão professor.

Como podemos perceber a nossa profissão já não apresenta mais encanto em meio aos adolescentes e isso é de fácil percepção quando comparamos os dados obtidos através das respostas dadas pelos professores. De acordo com o gráfico, 100% dos professores aposentados indicaram que, na sua época, essa profissão despertava interesse nos alunos, pois em sua maioria queria se professor quando crescesse, como mostra o depoimento dos professores P_{A3} e P_{A7} no quadro acima, mesmo não sendo bem remunerado, a profissão professor despertava encanto e respeito perante a população ao ponto de ser desejada e de ser profissão de orgulho.

Quando fizemos o mesmo questionamento aos professores iniciantes os dados são bem diferentes, 50% afirmam que não, que essa profissão não desperta interesse nos alunos e que preferem qualquer outra profissão a ser professor. Veja o que o professor P_{11} diz: “Não, alguns já chegaram a dizer que preferem ser ajudante de pedreiro do que ser professor”. Toda e qualquer profissão é digna, mas estamos tratando da profissão das profissões, onde está o encanto, a magia que esta profissão impõe pela sua importância no contexto histórico social e cultural? Veja o que o professor P_{17} afirma: “Não, pois eles almejam profissão onde os salários sejam melhores e com condições melhores de trabalho”. Isso deixa bem claro o quanto a sociedade se tornou capitalista e o quanto a nossa profissão dentro desse contexto se encontra desvalorizada, pois para um professor sobreviver razoavelmente bem ele precisa trabalhar em duas ou três escolas em uma jornada de trabalho de 12 horas diárias, ocupando muitas vezes os três turnos, se sobrecarregando e aumentando o risco de vida em função do sedentarismo, de poucas horas de lazer e da má alimentação, pois muitas vezes as refeições são feitas na própria escola com a merenda oferecida no dia. Enquanto 37,5% diz que percebe, mais raramente, que não é algo comum entre os alunos e que seja motivo de orgulho em estar dizendo que optou por ser professor. Apenas 12,5% afirmou que percebe nos alunos esse desejo em ser professor. Veja o seu depoimento: “Alguns sim, pois eles perguntam sempre sobre nossa profissão” (P_{14}). A diferença entre o sim dos professores iniciantes e o sim

dos professores aposentados é que o sim referente aos professores aposentados era unanimidade na sala de aula em função do respeito à profissão, do orgulho que a população sentia por ela. O sim dos professores de hoje é restrito a uma pequena minoria que muitas vezes sente até vergonha de falar em sala de aula, pois essa profissão que despertava o olhar de todos com grande carinho e respeito, hoje limita-se a opções feitas muitas vezes por falta de opção de outras áreas, conforme foi colocada na 1ª questão em que 62,5% dos professores iniciante afirmaram isso.

A 5ª questão abordou uma das questões mais polêmicas da atualidade da educação, o comportamento do alunado de antes e de agora. Veja as respostas:

P _{A1}	Tranquila e respeitosa	P _{I1}	Reflexo da desestrutura familiar
P _{A2}	Bom	P _{I2}	Muito diferente uns dos outros
P _{A3}	Tínhamos amigos na sala de aula e respeito pelos professores	P _{I3}	È o grande problema de hoje, pois boa parte é mal criada e não tem interesse de nada em sala de aula
P _{A4}	Bom, o professor era o centro das atenções	P _{I4}	Mal comportados, veem na escola um lugar de lazer e não uma instituição que forma cidadãos.
P _{A5}	Com respeito e gratidão	P _{I5}	Preocupante, pois os mesmos serão nossos substitutos
P _{A6}	Era ótima	P _{I6}	Regular
P _{A7}	Era boa havia respeito e amizade	P _{I7}	O nosso alunado hoje tem em seu comportamento a referência de uma sociedade mau educada e sem perspectiva de emprego
		P _{I8}	Não se interessam pelos estudos, estão mais rebeldes e não respeitam professores e colegas

Ao analisar essa questão podemos comparar a diferença entre os relatos dos professores antes dos de hoje. Vejamos que 65,7% dos professores aposentados afirmam que o comportamento era bom, baseado na amizade e no respeito, o que nos remete a afirmar que ensinar nessa época era prazeroso, nos relatos dos professores aposentados dá para perceber o orgulho ao afirmar sou professor, e isso é percebido também nas conversas e diálogos com ex- professores que falam com orgulho de seus ex- alunos e na sua relação para com os mesmos. 14,3% afirma que a relação se dava de forma ótima consolidando o que foi dito anteriormente.

Com relação às respostas dadas pelos professores atuais, as mesmas nos deixam preocupados, pois em sua maioria, ou seja, 87,5%, afirma que o comportamento do alunado de hoje é um dos grandes problemas da educação. Sendo este:

- Reflexo da desestrutura familiar

- O grande problema hoje
- Mau comportamento
- Fator preocupante
- Reflexo de uma sociedade mal educada
- Baseado na rebeldia e não respeitam os professores

Esses foram os principais argumentos apresentados pelos professores que vivenciam uma nova realidade apresentada pela educação no nosso país, uma realidade marcada pela falta de limites, pela decadência de princípios básicos de respeito ao próximo, de solidariedade, de quebra de fronteiras, é uma questão de comodidade. É muito mais fácil se adaptar ao ilimitado do que viver regido por regras, por limites. Aqui mora a dificuldade da questão. Ao mesmo tempo em que o jovem transforma-se com a sociedade das ilimitações, tem que se adaptar às regras impostas, neste caso, pela escola. Aqui nasce o primeiro foco de conflito: A necessidade que a escola tem de limitar os maus hábitos adquiridos em terrenos externos a ela; o fácil (sociedade) de fora se torna o difícil de dentro (escola), portanto, por este motivo, a escola acaba sendo julgada como opressora, retentora da liberdade dos alunos, ultrapassada, limitadora. Ao ocorrer este conflito, a indisciplina se aflora, pois nasce da divergência de valores, e com isso, o professor aquele que está diretamente ligado a essa clientela, sofre as consequências ao enfrentar a rebeldia e falta de limites desses alunos. Então, nasce aí o desejo de abandono da profissão, da desmotivação, começa a morrer no professor essa energia que fortalece todos os seres humanos em qualquer profissão, o sonho, o encanto e a magia, subsídios esses que transformam os obstáculos, as barreiras impostas pelo cotidiano da profissão em suportes que amenizam as dificuldades, transformando-as em experiências vividas, sem traumas e sem desmotivação.

Apenas 12,5% dos professores apontam que o comportamento dos alunos é regular, nesse caso colocando-se como uma exceção, pois em meio aos depoimentos apresentados pelos demais professores fica difícil até de entender até que ponto eles se comportam de forma regular.

A 6ª questão foi colocada no intuito de perceber como era o tratamento do alunado com o professor de antes e agora. Vejam:

P _{A1}	Com muito carinho	P _{I1}	Depende da relação entre ambos
P _{A2}	Sempre foi respeitosa	P _{I2}	Depende da localidade
P _{A3}	Com respeito	P _{I3}	Trata mal, não tem o mínimo de respeito
P _{A4}	Com respeito e carinho	P _{I4}	Hoje não existe mais o respeito de antigamente, pois eles estão cientes

			de seus direitos e esquecem seus deveres
P _{A5}	Com respeito e gratidão	P ₁₅	Como subordinado
P _{A6}	Com muito respeito	P ₁₆	Uma parte trata com respeito e a outra como se não tivesse ninguém em sala de aula
P _{A7}	Com muito respeito	P ₁₇	Somos tratados de forma desrespeitosa, para eles não passamos de meras pessoas que estão ali ocupando tempo deles.
		P ₁₈	Em sua maioria estão muito rebeldes e não se interessa pelos estudos e não respeitam colegas e professores

Observemos o gráfico abaixo:

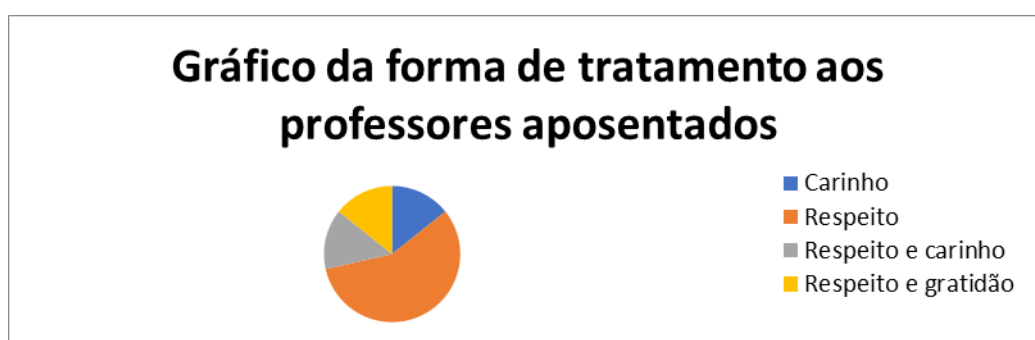


Gráfico 6; Forma de tratamento por parte dos alunos aos professores aposentados.

Como podemos observar no gráfico, 57,1% dos entrevistados apontaram que eram tratados com respeito, 14,3% eram tratados com carinho, 14,3% com respeito e carinho e 14,3% eram tratados com respeito e gratidão. Essa forma de tratamento era um reflexo da valorização da profissão e do profissional professor. A educação no país enfrentava outros problemas, como apresentado na 2ª questão em que 100% dos professores aposentados apontavam a falta de material didático como fator principal para desenvolver um bom trabalho, mas que a relação professor aluno nessa época era o fator motivador no enfrentamento desse problema e dos demais na época.

Agora observemos o gráfico relacionado à forma de tratamento dos alunos aos professores iniciantes.



Gráfico 7: Mostrando a forma de tratamento aos professores iniciantes.

Como podemos observar é outra realidade baseada no descaso e no desrespeito. Vejamos os dados: 62,5% apontam que são desrespeitados diariamente, 12,5% afirmam que são tratados como subordinados, 12,5% diz que depende da localidade e 12,5% diz que depende da relação entre ambos. Veja o que este professor Eduardo de Freitas graduado em Geografia afirma na revista Educador Brasil Escola;

Para ocorrer uma revolução positiva na maioria das nações é preciso que o processo tenha início na educação e nesse sentido o professor torna-se um dos principais agentes desse processo. No entanto, como esse profissional irá contribuir para a melhoria de um país se a população do mesmo não o valoriza e às vezes nem o respeita? Exercer a profissão de professor na maioria das vezes é um ato de extrema valentia e determinação, tanto em escolas públicas como privadas. Um dos primeiros problemas enfrentados é quanto à remuneração, sempre muito baixo, além disso, em diversos casos esses sempre atrasam. Há uma grande incidência de casos em que alunos agredem fisicamente ou verbalmente os professores, que muitas vezes têm que sair correndo para que não sofra algo pior. Infelizmente, o professor é visto por grande parte da sociedade como um subalterno para o qual são dirigidas diversas ordens.²

Como sentir prazer, como se orgulhar e como se sentir realizado nessa profissão diante dessa realidade? A educação no país, hoje, é alicerçada por índices que o sistema os impõe a qualquer custo: recuperação, avaliação continua com alunos que na maioria das vezes estão ouvindo músicas em celulares. Mas se as notas continuarem baixas há algo errado, mas esse algo errado não é com os alunos, na maioria das vezes é o professor o culpado, então depois de toda luta contra o desinteresse, o desrespeito para com os professores, eis que no final do ano surge os conselhos de classe e aquele aluno que passou o ano desrespeitando o seu lugar, de repente está aprovado. O que fazer? Qual a moral que o professor tem para impor respeito e compromisso com a sua disciplina? É claro que é bem mais cômodo para o aluno passar o ano todo perturbando, porque sabe que no final do ano será aprovado pelo Conselho. E o que fazer com a vivência de um ano todo de falta de compromisso? Simplesmente baixar a cabeça e fazer reverência ao Sistema.

² Disponível em <http://educador.brasilecola.com/etica/a-dura-realidade-professor.htm>.

A 7ª questão mostrou que a procura de jovens pelas licenciaturas está diminuindo, e eles foram levados ao questionamento: Essa falta de interesse se dá em função dessa relação professor-aluno? Veja as respostas:

P _{A1}	Sim	P ₁₁	Esse é apenas um dos fatores
P _{A2}	Não só em função dessa relação, mas também pela desvalorização salarial. Para ser um professor hoje precisamos ter muito mais amor a profissão e ao trabalho que devemos fazer junto aos alunos com quem vamos lhe dar do que pensarmos no próprio salário. Temos a consciência que todos somos educadores e educandos ao mesmo tempo. Antes de sermos professor o ser humano precisa saber que ele vai ser um educador que constrói pedras sobre pedras engajados no fazer a história.	P ₁₂	Não só, mas também pelo salário
P _{A3}	Esse é um dos fatores o outro é a desvalorização da nossa classe	P ₁₃	Eu acho que não
P _{A4}	Sim	P ₁₄	Não, pois procuramos incentivá-los de toda maneira
P _{A5}	Com certeza, mas também a desvalorização do magistério	P ₁₅	Sim e também pela desvalorização da classe
P _{A6}	Principalmente do aluno	P ₁₆	Sim
P _{A7}	Este é um dos	P ₁₇	Sim, e principalmente pelo perigo que a profissão hoje oferece
		P ₁₈	Acredito que sim.

É notório hoje que a procura pelas licenciaturas vem diminuindo gradativamente. Com base nessa observação, os professores aposentados e iniciantes foram questionados a respeito, a que eles atribuem esse fator e os mesmos apontaram que 42,8% dos professores aposentados afirmaram que é em função da relação professor/aluno, enquanto que 57,2% apontaram não só essa relação, mas também a outros fatores como a baixa remuneração. Veja o que o professor P_{A3} afirma; “Esse é um dos fatores, o outro é a desvalorização da nossa classe”. Deixando claro que a desvalorização profissional não é um problema recente e que a categoria vem a anos lutando por melhorias. Quadro que não é tão diferente da visão dos professores iniciantes. Vejamos: 37,5% dos professores iniciantes afirmam que sim, que a baixa procura pelas licenciaturas é em função da relação professor/ aluno e 37,5% afirmam que não só por causa dessa relação, mas também pela desvalorização da classe e do perigo que ela causa hoje aos jovens, Já 25% afirma que não é em função dessa relação. Esse dado nos fornecem argumentos suficientes para afirmar que hoje a nossa profissão é uma profissão de risco e de desvalorização, pois os dados mostram que a grande maioria dos professores aponta a relação

professor/aluno como fator preocupante que pode levar ao abandono da profissão, a desmotivação do próprio aluno ao escolher as licenciaturas como formação profissional. Esses dados nos mostram também que precisamos rever questões como: Impor limites aos alunos, rever a questão dos Conselhos de Classe, das recuperações e dos investimentos na área para tentar rever situações que fugiram ao controle da sociedade, banalizando a nossa profissão que por muito tempo orgulhou brasileiros e brasileiras.

Para tornar a nossa pesquisa mais sólida e eficaz, foi necessário lançar mais algumas perguntas aos professores aposentados. Veja o quadro abaixo.

Questão 1	Quais os pré requisitos básico para lecionar nessa época?	Questão 2	Nessa época, quais as vantagens e desvantagens de ser professor?
PA1	Era ter o primeiro grau	PA1	Vantagens: Pouca exigência e respeito com os professores Desvantagens: Faltava formação para os professores
PA2	Não tinha a exigência de escolaridade	PA2	Vantagens: Os alunos tinham mais interesse em aprender. Desvantagens: Acompanhamento pedagógico
PA3	Bastava ter pouco grau de instrução	PA3	Vantagens: Os professores eram respeitados por pais e alunos. Desvantagens: Baixa remuneração
PA4	Não opinou	PA4	Vantagens: Havia respeito entre professores alunos e afamília. Desvantagens: Ensinar com série seriadas e não tinha auxiliar
PA5	Ter o primeiro grau	PA5	Vantagens: Crianças obedientes e família comprometida. Desvantagens: Baixa remuneração
PA6	Era atender a necessidade da comunidade	PA6	Vantagens: O professor era muito valorizado no sentido de reconhecimento Desvantagens: Faltava sala para lecionar
PA7	Ter o primeiro grau	PA7	Vantagens; O professor era respeitado por todos Desvantagens: Pouca formação

Os professores entrevistados começaram a lecionar no período de 1965 a 1980, o que podemos comprovar através do grau de exigência necessário para poder lecionar, e como podemos observar em sua grande maioria não tinha sequer o 1º grau completo, hoje Fundamental, mas mesmo assim os alunos detinham aquele respeito, consideração e afinidade, como é confirmado na 2ª questão em que dos entrevistados, onde 100% afirmam isso, afirmam também que as famílias eram mais comprometidas e faziam “marcação serrada” no acompanhamento de seus filhos na escola, onde hoje as famílias vão para escola muitas vezes apontar o dedo para o professor culpando-o do mau desenvolvimento de seu filho nas disciplinas. Isso é o reflexo da desestrutura da família de hoje, filhos sendo criado por babás ou avós, pois suas mães não dispõem de tempo para educá-los e querem recompensar isso fazendo aquilo que os agrada, tornando-os sujeitos sem limite e de difícil convivência.

De acordo com a pesquisa, as principais dificuldades apontadas por eles era a falta de espaço físico, o baixo salário, pouca formação, acompanhamento pedagógico e o ensino multi-seriado, problemas esses que perduram até hoje, com exceção da formação pedagógica que hoje é uma exigência do MEC. O MEC exige no mínimo 60% do curso concluído para poder lecionar, acompanhamento pedagógico e exigência que a grande maioria dos municípios do país realize concurso para orientado e supervisor escolar, mas continua um panorama com baixa remuneração. É claro que avançamos um pouco conquistamos o piso nacional o Plano Nacional da Educação, mas ainda há muito a conquistar para que o professor reconquiste o seu espaço de valor aquele que os professores detinham mesmo quando não tinham a formação necessária. Ainda vivemos hoje o problema do multi-seriado com crianças de idade diferentes e séries diferentes em uma mesma sala de aula tornando o aprendizado cada vez mais difícil.

Vejamos agora as duas últimas questões direcionadas aos professores aposentados.

Questão 3	Você poderia fazer uma comparação do alunado de antes com o de hoje?	Questão 4	Se você fosse um jovem hoje, optaria por ser professor?
P _{A1}	Antes: eram obedientes e tratavam todos com amor. Hoje: são violentos	P _{A1}	Sim
P _{A2}	Antes: Carinhosos e respeitosos. Hoje: São violentos	P _{A2}	Acredito que sim
P _{A3}	Antes: Tinham interesse para aprender. Hoje: Não querem nada	P _{A3}	Sim
P _{A4}	Antes: Valorizavam a escola	P _{A4}	Não

	e tinham grande interesse em aprender. Hoje: não tem respeito nem na escola e nem na sociedade		
PA5	Antes: eram obedientes. Hoje: se acham donos do saber	PA5	Não, devido a violência
PA6	Antes: eram obedientes e tinham interesse em aprender Hoje: Não tem interesse só querem passar de ano sem saber de nada	PA6	Não, pois o salário é pouco e não é respeitado
PA7	Antes: se preocupavam mais com os estudos e obedeciam a pais e professores, Hoje: Se acham donos de si e tem autoridade própria	PA7	Sinceramente, não

Com base no quadro acima, podemos perceber que ao serem levados a fazer uma comparação entre os alunos de antes e de hoje, percebemos que 100% dos professores apontam que o alunado de antes sabia respeitar, tinham mais interesse na escola e o principal: obedeciam aos professores e à família. Por isso, o controle e o domínio em sala de aula se tornavam mais fácil. O que não se percebe no alunado de hoje. A família está perdendo o controle sobre seus filhos, pois os mesmos saem a hora que querem, perturbam na escola e quando a família é convidada a comparecer a mesma, os pais afirmam que não sabem mais o que fazer, pois nem eles os dominam mais e que os filhos estão na escola em função do programa do governo. Isso é confirmado através da fala do professor PA7 que diz: “Se acham donos de si e têm autoridade própria”, e pensando assim agem de forma grosseira e mau educada com pais e professores, tornando-se muitas vezes violentos agredindo os professores as vezes verbalmente e muitas vezes fisicamente como pode ser percebido hoje os casos que aparecem nos telejornais diariamente.

Quando os mesmos foram colocados diante da situação “se fossem jovens optariam por serem professores novamente?”, 42,8% afirmaram que sim, mesmo diante de todas essas dificuldades que a profissão apresenta enfrentariam tudo novamente, pois o amor pela profissão fala mais alto do que os obstáculos. Enquanto 57,2% afirmaram que não, pois os alunos são muito violentos transformando a nossa profissão em profissão de risco, e afirmaram também que a classe não é bem remunerada que optariam por outra atividade que lhe pudesse oferecer melhores condições de vida. Aos professores iniciantes foi lançada uma última questão. Vejamos: Você tem filhos? Se sim, responda. Você gostaria que ele(a) se tornasse professor? Dos 8 entrevistados, 4 têm filhos e desses quatro, três afirmaram que eles

iriam ser o que eles quisessem e que o importante seria a sua realização profissional, enquanto que um deles afirmou que não, pois não é bem remunerado e pouco respeitado.

Podemos concluir a partir das entrevistas dos dois grupos de professores que a realidade educacional brasileira vivencia uma crise sem proporções com relação não exatamente a dificuldades materiais, mas com relação a dificuldades na relação professor/aluno. Essa relação marcada pelo desrespeito por parte dos alunos com relação aos professores tem produzido quadros de stress e de resistência à profissão que não são verificados nas falas dos professores aposentados. A falta de limites dos adolescentes – possibilitada por uma cultura que quebrou com a aquilo que Lacan chamou de Nome do Pai, que quebrou com a lei necessária a toda cultura – adoce a sala de aula, tornando-a sintomática desses tempos de crise e de violência, onde a pulsão de agressividade do sujeito é alimentada por uma cultura do sim e por ferramentas educacionais – a exemplo dos Conselhos de Classe – que retiram do professor não só seu lugar de autoridade, mas também seu direito de reprovar o aluno, quando este não atinge as metas traçadas pelo plano de curso. Reprovar torna-se sinônimo de abuso, de constrangimento, assim como retirar de sala um aluno que esteja prejudicando a dinâmica da aula. Todo esse quadro tem levado muitos profissionais da educação a desenvolverem a síndrome de bournet, síndrome que se apresenta no campo profissional e que tem como sintomas stress, ansiedade, fobia, depressão, cansaço. E tem levado também muitos professores a se afastarem da licenciatura.

4.CONCLUSÃO

Com intenção de fazer um diagnóstico a respeito da relação professor /aluno antes e hoje, atentando para as consequências que essa relação pode causar a esta profissão e até mesmo ao profissional, se fez necessário uma pesquisa com professores aposentados e iniciantes que assim expuseram suas ideias, opiniões a respeito dessa relação, e com base nos resultados obtidos, chegou-se as seguintes considerações.

De todos os entrevistados, 100% dos professores aposentados apontaram que a sua escolha foi feita baseada no sonho, na admiração e na paixão, enquanto que os iniciantes apenas 37,5% apontaram esses fatores, os demais foram pela necessidade de emprego, falta de oportunidade em outras áreas e em função do desemprego e que opções feitas dessa forma podem levar o profissional ao abandono ou a depressão.

Quando foram questionados sobre o maior empecilho para desenvolver um bom trabalho os professores aposentados apontaram como unanimidade a falta de material didático, enquanto 50% dos professores iniciantes apontaram que o desinteresse do alunado contribui grandiosamente para que o trabalho não flua positivamente, os demais apontaram mau comportamento do alunado e timidez, como elementos que dificultam o ensino aprendizagem. O problema da relação/ professor aluno foi questionado aos professores de antes e os atuais e levando em consideração os apontamentos feito pelos professores aposentados, estes, afirmaram que era uma relação baseada no respeito, no carinho, que era uma relação ótima. Dados como esses mostram o porquê da importância dessa profissão, o quanto ela impunha valor em meio a sociedade e essa valorização da mesma despertava desejo, vontade de se tornar um professor, apesar de não ser valorizada financeiramente como apontado por 28,6% dos mesmos, isso não era um motivo crucial para não optar por esta profissão.

E partindo para os apontamentos feitos pelos professores iniciantes, chegamos à conclusão que 62,5% afirmam que é uma relação baseada no desrespeito, na desvalorização profissional e pessoal, diferentemente de antes, hoje a nossa profissão em função dessa desvalorização encontra-se em crise. Como sonhar com uma profissão que não consegue passar credibilidade de escolha profissional no qual 50% dos entrevistados iniciantes afirmaram que essa profissão não despertava interesse nenhum nos alunos em função da desvalorização social e dos riscos que ela hoje causa ao profissional?

Mas qual o porquê dessa desvalorização? Dados obtidos com os entrevistados apontaram que o comportamento do alunado antes era totalmente diferente de hoje, pois antes era pautado na base do respeito o que levava o alunado a despertar o interesse pela profissão,

enquanto que hoje é pautado na falta de limites dos alunos, na violência e na rebeldia, então, como despertar interesse pela profissão se hoje a linguagem dos professores é a mesma pautada no medo, na angústia e na falta de esperança e sonhos, e isso é comprovado, pois quando foram questionados se essa relação professor aluno contribui para não opção da profissão, tanto os professores aposentados como os iniciantes apontaram que sim, pois é uma relação muito difícil e que atualmente está fora de controle, mas apontaram também o fator financeiro como outro fator preocupante que desmotiva os alunos, pois nesse sistema capitalista em que vivemos a nossa profissão nem sempre será alvo de escolha para eles.

Muitos dos professores aposentados afirmaram que se fossem jovens hoje não optariam por ser professor em função da violência do alunado e do pouco reconhecimento para com a classe. O que eles pensam hoje não é diferente dos jovens e adolescentes de hoje, pois em sua maioria não o fazem em função também da desvalorização, mas também por fazerem parte em sua maioria dessa estatística de alunos rebeldes e violentos que não querem sentir na pele o que eles fazem seus professores passarem.

Então qual será o futuro desta profissão? O que se fazer para mudar essa realidade? Essa realidade só poderá ser mudada quando houver uma recuperação da família, quando essa instituição assumir o seu verdadeiro papel de responsabilidade e de impor limites aos seus filhos, pois as suas atitudes (dos alunos) são reflexos de sua criação e o futuro desta profissão dependerá do zelo e do respeito que os administradores públicos e as famílias derem a ela que é pai e mãe de todas as profissões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J.G. Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996b

<http://www.webartigos.com/artigos/a-indisciplina-e-a-violencia-no-contexto-das-escolas/84078/#ixzz3K6bNDEKI>

CAMARGO, Edson C. & FONSECA, Jorge A. L. Aética no ambiente escolar: educando para o diálogo. S/D. Disponível em www.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/021e4.pdf. Último acesso: 07/10/2014.

DIÓGENES, G. Grupos identitários e fragmentação social: a violência como "marca". In: SANTOS, J. V. T. (Org.), Violência em tempo de globalização. São Paulo: HUCITEC, 1999. p. 164-182

DURAND, Gilbert, As Estruturas Antropológicas do imaginário. Trad. Hélder Godinho, 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.(coleção biblioteca universal)

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2006.

----- . Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

----- . Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. Porto alegre. Ed. Artes Médicas, 2000.

LA TAILLE, Y. de . Prefácio à edição Brasileira. In: PUIG, J. M. A construção da personalidade moral. São Paulo: Ática. 1998a.p. 8.

MARIN, Alda Junqueira Formação de professores: novas identidades, consciência e subjetividade. In: TIBALLI, Eliandra F. Arantes & CHAVES, Sandramara Matias (orgs.). Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares. Rio de Janeiro : DP&A, 2003

PARRAT-DAYAN, S. Como enfrentar a indisciplina na escola. São Paulo: Contexto, 2008,p.7

PARO, Vitor Henrique. Qualidade de ensino, a contribuição dos pais; Xamã, 126 p

SANTOS, Gislene. Ética e educação. Programa Ética e Cidadania. Disponível em www.letras.ufmg.br/.../pdf%5CÉtica%20e%20cidadania%5CÉtica%20e%20. Acessado em 07/10/2014.

SILVA, D.A. (2003) Treinamento de professores para o desenvolvimento da educação social e afetiva: análise comparativa com base nos dados do TRF e do YSR. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina

TEIXEIRA M. C. S. & PORTOM. R. S. Perspectivas pragmáticas em educação. Revista da Faculdade da USP, SP, v. 21, n.1, jan-junho, 1995.

VYGOTSKI L.SA Formação social da mente São Paulo: Martins Fontes, 1998

Fonte:<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/09/>

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA (professores mais experientes)

- 1ª) Em que ano você começou e parou de lecionar? E o que o(a) levou a querer se tornar professor?
- 2ª) Quais os pré requisitos básicos para poder lecionar nessa época?
- 3ª) Nessa época, quais as vantagens e desvantagens de ser professor?
- 4ª) O que o(a) impedia de desenvolver um bom trabalho nessa época? Qual o maior empecilho?
- 5ª) Como se dava a relação professor-aluno nessa época?
- 6ª) Você percebia se a profissão professor despertava no alunado interesse pela mesma?
- 7ª) Como era o comportamento do alunado nessa época?
- 8ª) Como o alunado tratava o(a) professor(a)?
- 9ª) Você poderia fazer uma comparação do alunado de antes com o de hoje?
- 10ª) Se você fosse um jovem hoje, você optaria por ser professor(a)?
- 11ª) Percebe-se hoje e é comprovado através de pesquisas que cada vez menos jovens procuram as licenciaturas, você acha que esse fato ocorre em função da relação professor aluno?

ANEXO B- QUESTIONÁRIO PARA OS INICIANTES

- 1ª) Você já leciona há quantos anos?
- 2ª) O que levou você a optar por lecionar?
- 3ª) Na sua opinião o que o(a) impede de desenvolver um bom trabalho em sala de aula hoje?
- 4ª) Como você analisa a relação professor –aluno hoje?
- 5ª) Você percebe em seus alunos se a profissão professor desperta interesse nos mesmos?
- 6ª) Como você analisa o comportamento do alunado hoje?
- 7ª) Como o alunado hoje trata o professor?
- 8ª) Percebe-se hoje e é comprovado através de pesquisas que cada vez menos jovens procuram as licenciaturas, você acha que esse fato ocorre em função da relação professor aluno?
- 9ª) Você tem filhos? () sim () não
Se sim, você gostaria que ele(a) se tornasse professor(a)?